

Recensões e Notas de leitura

MONTEIRO, João Gouveia – *Grandes Conflitos da História da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme “o Conquistador”,* Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012 (332 pgs.).

É dito e sabido que não é fácil realizar sonhos. Só o facto de se tratar de sonhos torna-os de imediato objectos ou metas difíceis e tantas vezes impossíveis de alcançar e, claro está, de cumprir. No entanto, estamos aqui, precisamente, perante um sonho cumprido. E não sou apenas eu que o digo, já que, logo nas primeiras linhas do prefácio deste seu novo livro, intitulado “Grandes Conflitos da História da Europa – de Alexandre Magno a Guilherme ‘o Conquistador’”, é o próprio autor, João Gouveia Monteiro, que o afirma de maneira inequívoca: “Este livro é um sonho antigo”, o sonho de “escrever um dia um volume reunindo estudos acerca daquelas que eu considero serem as batalhas mais importantes da história do Ocidente europeu”.

E assim, o resultado deste sonho são cerca de 330 páginas que nos permitem fazer uma fascinante viagem no tempo que nos transporta até alguns dos mais emblemáticos e conhecidos campos de batalha da Antiguidade e da Idade Média. É que talvez possa parecer estranha esta reunião de dois períodos históricos que só muito raramente são observados em conjunto o que, de certa forma, se compreende. De facto, os exércitos macedónicos de 331 a.C nada têm de semelhante aos *housecarls* de Harold Godwinson que, por seu lado, nada têm que ver com as legiões romanas

derrotadas em Adrianopla em 378. Do mesmo modo, poucos serão os pontos de contacto entre os dispositivos tácticos utilizados por Aníbal Barca em 216 a. C. e por Carlos Martel em 732. Na realidade, à primeira vista, estes episódios pouco ou nada têm em comum, pelo que talvez não faça grande sentido reunir num mesmo estudo, encontros armados ocorridos em épocas tão distintas assim. No entanto, à medida que nos debruçamos sobre cada um deles, vamos nos apercebendo da existência de um fio condutor que liga todos estes modos de organizar e de fazer a guerra e que, a pouco e pouco, nos vai revelando semelhanças e influências que, com outra forma de abordagem, talvez não fossem sequer perceptíveis.

Com efeito, só este encontro entre períodos que raramente se cruzam nos manuais possibilita ao leitor uma visão panorâmica e através da qual pode descortinar, por exemplo, os pontos de contacto entre as falanges macedónicas e as paredes de escudos do exército inglês em Hastings; ou entre o papel decisivo desempenhado pela cavalaria de Alexandre e pela de Aníbal; ou mesmo entre a forma como Carlos Martel e Harold Godwinson decidiram enfrentar o inimigo, ou seja, organizando os seus efectivos num dispositivo táctico composto por forças apeadas.

Sem dúvida que este novo olhar panorâmico sobre as semelhanças e as diferenças, sobre as continuidades e rupturas existentes entre estas formas de fazer a guerra aparentemente tão distintas nos abrirá novas perspectivas e possibilitará, em simultâneo, uma compreensão mais abrangente e mais rica do fenómeno da guerra, algo que, enquanto leitor e observador destas temáticas, creio ser, entre muitos outros, um dos grandes méritos deste trabalho, desta autêntica viagem no tempo compreendida entre 331 a.C. e o ano 1066 da nossa Era.

Ainda que se trate de destinos (uns mais do que outros) relativamente conhecidos, o périplo que agora nos é proporcionada por João Gouveia Monteiro é, sob muitos aspectos, uma viagem original. É como se voltássemos a lugares já familiares, mas para os quais somos levados a olhar sob um outro prisma, alertados para detalhes que não tínhamos antes visto e que nos tinham escapado, ou mesmo apercebendo-nos de algo a que nunca havíamos dado a relevância e a importância devidas.

Assim, percorrer estes caminhos e estes locais, mesmo quando pensamos que já os conhecemos, transforma-se numa autêntica viagem em “uncharted

territory” e onde as surpresas e as novidades surgem onde e quando menos esperamos.

Para nos conduzir ao longo desta viagem, o autor empreendeu um exaustivo e rigoroso trabalho de selecção, releitura crítica e reinterpretação das fontes (chegando mesmo ao ponto de traduzir – em parceria com José Braga – algumas delas, como é o caso da “Gesta de Guilherme”, de Guilherme de Poitiers), de modo a construir uma visão própria e original sobre cada um dos cinco episódios estudados.

E para além de se alicerçar nos textos das fontes narrativas, cada capítulo assenta ainda numa bibliografia actualizadíssima – arrolada no final de cada um deles, em jeito de sugestão de leitura – que ronda em média os oito títulos e onde encontramos os mais importantes trabalhos dedicados a cada um dos temas analisados. Autores de referência como F. E. Adcock, Adrian Goldsworthy, Yann Le Bohec, Bernard S. Bachrach, Guy Halsall, Jim Bradbury, Stephen Morillo ou Kelly DeVries não foram, pois, esquecidos.

Mas, para além de uma empolgante viagem no tempo, esta é também uma viagem que nos leva da Macedónia ao Médio Oriente (palco da batalha de Gaugamela); da Península Ibérica ao sudoeste de uma outra península, a Itálica (cenário para a Batalha de Canas); aos limites orientais do Império Romano (onde se desenrolou a Batalha de Adrianopla); através dos Pirenéus (para observarmos o evoluir da Batalha de Poitiers); e, por fim, num trajecto pelo Canal da Mancha, entre as costas da Normandia e o sul de Inglaterra (onde teve lugar a batalha de Hastings). É este o mapa por onde João Gouveia Monteiro nos guia ao longo de cinco etapas, ou seja, ao longo de cinco importantes enfrentamentos militares.

E é precisamente nas escolhas destes cinco destinos que gostaria, em primeiro lugar, de me deter um pouco mais, porquanto esta será, incontornavelmente, a primeira questão que os leitores irão formular. Porquê estes e não outros?

A resposta a esta interrogação foi já dada pelo autor, quando afirmou tratar-se, no seu ponto de vista, das batalhas mais importantes da História do Ocidente Europeu. Claro que se trata de uma escolha pessoal e, como tal, inatacável. Como diz o outro, gostos não se discutem.

Mas se olharmos com atenção para estes cinco prélios, somos levados – ainda que as nossas escolhas pessoais pudessem ter sido outras, ou não –

a reconhecer a validade destas opções. De facto, trata-se de batalhas todas elas célebres e verdadeiramente emblemáticas. A primeira, porque dita o momento em que o reino macedónico se converte no Império de Alexandre, a segunda porque marca a maior derrota averbada pelo exército romano, a terceira porque constitui o momento em que as fronteiras do Império de Roma se abrem às chamadas “invasões bárbaras”, a quarta porque significa o fim da expansão muçulmana na Europa, e a última porque se reporta à conquista do reino de Inglaterra. Mas há outros bons motivos para concordarmos com as escolhas de João Gouveia Monteiro, já que boa parte destas batalhas tiveram um carácter decisivo para a História da Europa (atente-se nos exemplos de Adrianopla, de Poitiers ou de Hastings). Outras porque, em consequência do génio táctico dos seus protagonistas, continuam ainda hoje a ser objecto de estudo nas academias militares do mundo inteiro, como sucede com Gaugamela e com Canas.

Mas há mais motivos para subscrevermos inteiramente estas cinco opções: em primeiro lugar, porque todas elas – isoladamente e em conjunto –, se bem que cada uma à sua maneira, permitem a tal leitura diacrónica a que atrás nos referimos, por um lado, sobre a evolução nas formas de organização e de prática da guerra e, por outro, sobre as inovações verificadas ao nível do armamento e da sua utilização, num percurso que nos leva das falanges hoplitas à carga massiva de cavalaria; das sarissas macedónicas à *lance couché*. Com estas escolhas, nada se perde pelo meio em resultado de hiatos demasiadamente longos, mas também se evitam repetições de cenários ou situações demasiado redundantes e que pouco ajudariam a perceber as diferenças que importava sublinhar.

Estas cinco escolhas têm ainda o mérito de cada uma delas se apresentar como o corolário, um momento-chave, de um período específico da História da Europa na Antiguidade e na Idade Média e o ponto de encontro de uma teia de acontecimentos políticos, sociais, económicos e culturais que servem também como pano de fundo para esses mesmos episódios e sobre os quais o autor convida também a que nos debrucemos.

É que, na realidade, este não é um livro exclusivamente de História Militar. De facto, a análise das questões de âmbito militar centradas na ‘batalha’, isto é, focada naquelas escassas horas em que decorre o prélio, surge quase que apenas como um pretexto, um mote, para uma observação

de um determinado período histórico que lhe serve de pano de fundo e onde vamos também encontrar, por um lado, os antecedentes e os motivos que levaram a que a batalha tivesse lugar e, por outro, as suas consequências imediatas, de médio e de longo prazo. Esta é, aliás, uma fórmula a que João Gouveia Monteiro já nos habituou noutros estudos, porquanto é, sem dúvida, a que fornece leituras mais ricas e diversificadas do fenómeno ‘Guerra’, como se percebe ao longo dos cinco capítulos em que se encontra dividido este livro.

Mas vejamos então, mais atentamente quais são esses cinco destinos escolhidos pelo autor para esta viagem no tempo e no espaço ao longo da Europa da Antiguidade e da Idade Média.

Começemos, pois, pelo princípio, ou seja, pelo primeiro destes cinco enfrentamentos, a Batalha de Gaugamela (p. 17-72) que, em 331 a. C., opôs os exércitos de Alexandre “o Grande”, rei da Macedónia, aos do rei persa Dario III e cujos principais momentos são reconstituídos por João Gouveia Monteiro a partir dos testemunhos de Lúcio Flávio Arriano (que por sua vez se baseou nos textos de Ptolomeu e de Aristobulo), de Diodoro da Sicília e de Plutarco. Creio que, para abrir as hostilidades, não podia ter melhor havido melhor escolha, porquanto é impossível falar da guerra na Antiguidade sem falar de Alexandre e das campanhas que o levaram da Grécia até à Índia. Mas esta é também a ocasião propícia para olhar para a História, por um lado, da expansão persa em direcção ao ocidente europeu e, por outro, do reino da Macedónia, nomeadamente para a figura de Filipe II e para as reformas militares que empreendeu (sem dúvida um excelente pretexto para conhecermos detalhadamente a constituição e funcionamento das falanges hoplitas), reformas sem as quais o êxito de Alexandre não teria sido possível. É pois a partir destes temas que avançamos em direcção ao campo de batalha de Gaugamela, inquestionavelmente a mais decisiva de todas as suas vitórias, já que foi esta que lhe abriu em definitivo as portas da Pérsia. É aí que poderemos observar de forma detalhada o enorme génio táctico deste general, um dos últimos do mundo antigo a comandar o seu exército na linha de frente.

Seguidamente, pela mão de Políbio e de Tito Lívio – principais fontes para o conhecimento deste episódio –, somos transportados até à Península Itálica em pleno ano de 216 a.C. Depois de uma passagem por Roma, por Cartago

e pela Península Ibérica, assistiremos, na Batalha de Canas, ao choque entre a hoste de Aníbal Barca e essa poderosa máquina de guerra que era o exército romano, mas que acabará por sofrer, nessa ocasião e às mãos dos cartagineses, a maior derrota da sua história (p. 73-108). Mais uma vez, a batalha serve-nos como mote para um olhar sobre as Guerras Púnicas – em particular sobre a Segunda –, conflitos desencadeados pelo crescimento das duas super-potências de então, Roma e Cartago (cujo poderio militar poderemos também conhecer ao longo destas páginas), e pelo alargamento das suas áreas de influência, nomeadamente para a Península Ibérica. É precisamente aqui que, em 218 a.C., tem início a marcha de Aníbal através da Gália em direcção aos Alpes – cuja travessia constitui talvez um dos mais célebres episódios desta campanha –, a partir de onde avança para sul, derrotando os romanos, primeiro junto do rio Ticino (218 a.C.), depois nas proximidades de Piacenza (218 a.C.), e, depois, nas margens do lago Trasimeno (217 a.C.). Foram autênticos ensaios para a grande Batalha de Canas – que não hesito em considerar a mais empolgante da História Militar da Antiguidade – que, apesar do seu desfecho, em nada veio alterar o curso da guerra, pois Aníbal, sem conseguir recolher junto de Cartago os apoios necessários para explorar essa vitória, acabou por retirar para o Norte de África – entretanto invadido pelas legiões romanas – no ano 203 a.C.

Esta viagem prossegue então em direcção a leste, até Adrianopla, na zona da actual Turquia, onde – no ano de 378 da nossa Era – uma coligação liderada pelos visigodos, mas que integrava igualmente contingentes militares de Ostrogodos, de Hunos e de Alanos, infligiu uma pesada derrota aos exércitos de Valente, o imperador romano do Oriente (p. 109-140). Podia ter sido apenas mais uma, mas em resultado do seu desfecho converteu-se numa batalha verdadeiramente decisiva e que marcou o momento em que as portas do Ocidente se abriram em definitivo – como sublinha Edward Gibbon – às “invasões bárbaras”. E tal como nos dois capítulos precedentes, também aqui a guerra, ou melhor, a batalha – sobre a qual o principal testemunho é o de Amiano Marcelino –, constitui quase um pretexto para João Gouveia Monteiro nos guiar por outros temas relacionados, tais como as reformas militares do período do Alto Império (nomeadamente as de Diocleciano e de Constantino), observando quais os seus principais trunfos, mas também as suas falhas e carências, designadamente as que

mais fortemente se manifestaram em Adrianopla, onde a morte do Império ficou claramente anunciada.

O destino seguinte leva-nos a um salto no tempo de cerca de três séculos e meio e conduz-nos até uma região situada entre as cidades francesas de Tours e de Poitiers, palco da batalha travada em 732 entre as forças de Carlos Martel e o exército comandado por Abd-al-Rahman, o governador muçulmano do al-Andalus (p. 141-187). Do prélio pouco se conhece ao certo, já que não há sequer certezas quanto à data ou ao local onde teve lugar, uma situação que resulta, em grande medida, da escassez de fontes narrativas, que praticamente se resumem à chamada "Continuação da Crónica de Fredegário" e à "Continuatio Hispana" (ou "Crónica de 754", que parece continuar a "História dos Godos", de Isidoro de Sevilha). Ainda assim, é reconhecido o carácter decisivo da vitória então alcançada pelas forças cristãs, o que afastou de vez a possibilidade de uma expansão muçulmana para leste dos Pirenéus. Mais uma vez, a batalha serve-nos como pano de fundo para um breve périplo pela história da Europa nos alvares da Alta Idade Média. Somos, assim, convidados a observar, por um lado, a presença muçulmana na Península Ibérica e, por outro, a formação dos reinos bárbaros nascidos das cinzas do Império Romano, em particular o reino Franco, desde Clóvis até à tomada do poder pelos perfeitos do palácio, de entre os quais sobressai, naturalmente, a figura de Carlos Martel, o grande vencedor da Batalha de Poitiers. É também em torno deste tema que – com algumas incursões até ao período de Carlos Magno, neto de Carlos Martel – ficaremos a conhecer como se organizavam os exércitos francos, bem como os seus sucessores carolíngios, o armamento que utilizavam e ainda a forma como se praticava a guerra neste período tão rico, mas ainda tão pouco conhecido da História da Europa.

A derradeira etapa deste périplo, mas ao mesmo tempo o mais extenso dos cinco que compõem este livro (p. 189-327) – o que o converte numa verdadeira *pièce de résistance* –, conduz-nos numa viagem às duas margens do Canal da Mancha, entre a Normandia e a Inglaterra, e convida-nos a um olhar atento sobre a Batalha de Hastings, ferida no dia 14 de Outubro de 1066. Trata-se, na perspectiva do autor, da batalha mais importante de toda a História Medieval europeia, algo que se encontra bem expresso na enorme variedade de fontes narrativas que a relatam, algumas das quais com um

detalhe absolutamente fora do comum. De entre essas, e para referir apenas as que, por se revelarem mais ricas, mais frequentemente foram usadas por João Gouveia Monteiro, sobressaem a “Gesta de Guilherme, duque da Normandia e rei de Inglaterra”, da autoria de Guilherme de Poitiers, a “Gesta do duque dos Normandos”, de Guilherme de Jumièges, a chamada “Crónica Anglo-Saxónica”, o “Chronicon ex Chronicis”, compilado por João de Worcester e o poema “Canção sobre a Batalha de Hastings”, cuja autoria é ainda hoje discutida, para além, claro está, da célebre Tapeçaria de Bayeux. Nesta autêntica banda desenhada da Idade Média, encontram-se retratadas 50 cenas que se reportam não apenas aos factos ocorridos em 1066, mas também aos dois anos antecedentes, circunstância que a converte numa das principais fontes para o estudo da batalha. E é com os olhos postos em Hastings que somos levados a percorrer a história da Inglaterra, desde a conquista anglo-saxónica até ao final do reinado de Eduardo o Confessor, que em 1043 viria interromper um período de domínio Viking iniciado nos inícios do século XI. É com o problema sucessório aberto pela morte d’*O Confessor* – *leit-motiv* para a invasão normanda comandada pelo duque Guilherme – que chegamos por fim a Hastings, uma batalha cujos motivos de interesse são inúmeros. Registe-se apenas que, no plano militar esse interesse reside, por exemplo, no facto de se tratar de uma batalha invulgarmente longa (cerca de 9 horas) e na circunstância de opor a melhor cavalaria da época (a normanda) a uma das melhores infantarias de então (a anglo-saxónica). Mas é, acima de tudo, no plano político que esta batalha terá as suas consequências mais duradouras, definindo os destinos dos reinos de Inglaterra e de França ao longo dos séculos subsequentes. Por tudo isto se percebe o investimento feito pelo autor neste capítulo que, assim, fecha com chave de ouro este livro. É, pois, em Hastings que damos por terminada a nossa viagem.

Mas, como acontece frequentemente, são muitas e variadas as dificuldades e obstáculos que se colocam ao viajante que se aventura por este tipo de paragens. Direcções erradas, estradas mal assinaladas, topónimos pouco familiares (como Leuctras, Demirhanli, ou mesmo Rimini), desvios involuntários da rota inicialmente planeada, os habituais rios e florestas intransponíveis, estradas em mau-estado e pontes derrubadas. A estas acrescentam-se ainda outras, por vezes tão inesperadas quanto difíceis de solucionar, tais como as que resultam dos nomes dos nossos companheiros de viagem e

cicerones. Recordemos apenas os exemplos de Alavivo, Parménio, Childeberto, Chilperico ou Cariberto, que comparados com Sven Estridsen, Hartacnut, Gruffyd ap Llywelyn ou Harald Hardrada, soam quase como familiares.

Para que possamos evitar estes e outros obstáculos, cada capítulo integra um conjunto inestimável de ilustrações, que ajudam a solucionar todos os problemas que venham a surgir ao longo desta fantástica viagem de cerca de 14 séculos de História. Só mapas encontramos oito (da Grécia Central e Meridional, das campanhas e do Império de Alexandre, da campanha de Aníbal Barca, do Império Romano ao tempo de Trajano e em finais do século IV, do mundo Merovíngio, da Inglaterra na Alta Idade Média e da conquista normanda de Inglaterra), um auxílio precioso para seguirmos sempre no rumo certo e para não perdermos nunca o contacto com a coluna de marcha do nosso exército. O autor fornece-nos também dois quadros genealógicos, uma excelente ajuda para nos guiarmos por entre os complexos meandros dos sucessores de Clóvis, alguns dos quais com nomes verdadeiramente impronunciáveis. De grande utilidade é também a cronologia que se segue ao final do quinto capítulo (p. 329-330) e que cobre um espectro cronológico que se estende entre 490 a.C e 1089, ou seja, um período ligeiramente mais extenso do que aquele que é balizado pelas cinco batalhas estudadas.

Particularmente elucidativas são também as dez ilustrações referentes a peças de armamento e a formações tácticas que, assim, se tornam ainda mais perceptíveis ao leitor. E neste ponto, não posso deixar de sublinhar a importância didáctica das oito reproduções (de excelente qualidade, sublinhe-se) de cenas da Tapeçaria de Bayeux, que enriquecem de sobremaneira a análise da batalha de Hastings. As ilustrações presentes na obra não são, pois, meros adereços decorativos, mas sim autênticos faróis que iluminam o nosso trajecto, confirmando-nos que estamos no caminho exacto, ou, em alternativa, colocando-nos de novo na rota de onde nos tínhamos desviado por causa de uma distração provocada, por exemplo, pela bela Edite 'Colo de Cisne'.

E como se espera de um livro que versa sobre campanhas militares, encontramos também os sempre desejados esquemas de batalhas, fundamentais para que possamos acompanhar passo a passo os momentos principais de cada um dos enfrentamentos analisados ao longo destes cinco capítulos (dois esquemas para Gaugamela, outros tantos para Canas, um para

Adrianopla e outro para Poitiers, e cinco no caso de Hastings). E é precisamente esta a altura indicada para sublinhar o magnífico trabalho de São Morais e José Morais, que conceberam estes quadros, graças aos quais esta longa – mas nem por isso cansativa – viagem, se torna ainda mais enriquecedora para o viajante, entenda-se, para o leitor.

Em suma, com um tema que cativa, desde logo, o leitor, com um leque de batalhas muitíssimo bem escolhidas e que entusiasma pela sua diversidade e, ao mesmo tempo, pelo que cada uma delas significa na História da Europa, recheado de magníficas ilustrações, a começar pela da capa (sem dúvida que um excelente cartão de visita para o que se segue), estou convencido de que este livro tem todas as condições para se tornar um sucesso, ao que não será certamente alheio o facto de o autor ser reconhecidamente o nosso maior especialista em História Militar Medieval Antiga e da Idade Média. E depois, quando se começa a ler, é um livro que cativa logo a partir das primeiras linhas ao ponto de não ser fácil largá-lo. Cativa em primeiro lugar pela variedade de assuntos abordados em cada capítulo e que, apesar de nos levarem – e ainda bem – por caminhos que não são exclusivamente os da História Militar, ainda que a ela ligados de forma estreita, não perdem nunca de vista o tema central de todos eles: a guerra e a batalha. Cativa ainda pela forma como todos estes episódios se encontram, ainda que de forma propositadamente ténue, encadeados, mas ao mesmo tempo sem que isso iniba a leitura individualizada ou mesmo alternada de cada um dos capítulos. Mas este livro cativa também pelo equilíbrio – nem sempre fácil de conseguir – entre, por um lado, a profundidade e o rigor científico da abordagem e, por outro, a forma simples, clara e acessível como está escrito, circunstância que o converte numa obra ao alcance de um público vasto e diversificado e não apenas dirigida a uma audiência composta por estudantes e especialistas. É este o rumo que, no meu ponto de vista, cada vez mais a investigação histórica deve tomar, pois de outra forma os resultados do nosso trabalho não sairão nunca de um círculo restrito. E nesse sentido, com este seu novo livro, João Gouveia Monteiro traz mais um importante contributo com vista a essa transformação que todos nós desejamos.

Miguel Gomes Martins

Gabinete de Estudos Odisiponenses e Instituto de Estudos Medievais – FCSH
miguel.martins-283@clix.pt